

ANÁLISE DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES JUNTO A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS

LETÍCIA QUINTANA LOPES¹; DANIELE BALTZ DA FONSECA²

¹UFPEL – *lopes.leticia.quintana@gmail.com*

²UFPEL – *danielefonseca1980@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um recorte dos resultados alcançados até o momento na pesquisa para a elaboração de dissertação, com o título provisório de ‘Mulheres na história da arte riograndense do século XX: um levantamento das egressas da antiga escola de belas artes de Pelotas’, sendo realizado junto ao Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural com apoio financeiro da Coordenação de Pessoal de Nível Superior/Brasil (CAPES/Brasil).

A pesquisa tem como um de seus objetivos ampliar a análise sobre a trajetória das mulheres artistas, dentro do estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente as alunas formadas na Escola de Belas Artes D. Carmen Trápaga Simões (EBA) na cidade de Pelotas, visto que quando há um aprofundamento nas questões relacionadas à história das mulheres nas artes, é possível perceber um esquecimento proposital, vinculado à construção de uma memória oficial, calcada em um viés androcêntrico, no qual a participação de mulheres é apagada ou reduzida. Dentro desse discurso androcêntrico, a produção feminina é considerada amadora e portanto, menos valorizada.

A história da EBA também dá maior ênfase aos nomes dos “grandes artistas homens” os “gênios da arte”, como Aldo Locatelli e Ângelo Guido, com menor consideração às artistas formadas e que seguiram carreira, que independente da trajetória artistas não são mencionadas dentro de uma memória oficial da história da arte gaúcha. Um exemplo é o caso de Benette Casareto Motta, aluna da primeira turma da escola e a única artista mulher a ser autora de uma obra em todo o acervo do Palácio Piratini que, em tese, deveria contar a trajetória da arte no estado do Rio Grande do Sul, atestando o silenciamento das mulheres enquanto sujeitos criadores, fortalecendo uma memória de hegemonia masculina. Com isso, entendemos que esse esquecimento recai majoritariamente sobre as mulheres, sejam elas artistas ou não, ou quando lembradas, sua existência é apresentada apenas dentro de um contexto privado, conforme aponta Tedeschi (2012):

É corriqueiro nos depararmos com afirmações que apontam as diferenças entre memórias masculinas e femininas que atravessam classes sociais, e que resultam em papéis sociais enquanto homens e mulheres. Dizer que as mulheres falam da família, do cotidiano, do privado, e o homem de outras coisas, aparece quase como um lugar comum nos textos e narrativas oficiais (TEDESCHI, 2012, p.174).

Assim, a pesquisa apresenta dados relacionados ao quantitativo de formandos junto a EBA, levando em consideração o recorte temporal que vai de 1949, ano de formação da Escola, até 1973, período de sua federalização. Buscando um enfoque na relação de mulheres que fizeram parte da formação da escola, em específico as alunas. Com isso, identificando essas mulheres, a fim de

ampliar as pesquisas relacionadas à participação feminina junto às artes e com isso registrar informações as quais a história oficial não registra.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho parte da ideia de uma triangulação metodológica, que busca uma proposta interdisciplinar na elaboração da pesquisa, em que diferentes formas de coleta de dados, metodologias e afins são utilizados ao longo da pesquisa. Assim, inicialmente, a pesquisa teve como primeiro levantamento, o bibliográfico referente aos estudos de mulheres artistas dentro do cenário brasileiro, a fim de compreender sobre os trabalhos já realizados até então e como são apresentadas as pesquisas relacionadas a essas artistas no que diz respeito ao contexto específico do sul do Brasil. Para isso foram realizadas pesquisas no repositório digital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) - Brasil, nas interfaces do Google Scholar e da Scielo, utilizando como palavras-chave “mulheres artistas” e a derivação “mulheres na arte” AND “Rio Grande do Sul” assim como “EBA”.

Nessa busca foi perceptível o trabalho que vem sendo realizado por professoras na UFPel nas pesquisas voltadas a esse tema, nomes como das professoras Clarice Rego Magalhães, Francisca Ferreira Michelon, Nádia da Cruz Senna e Ursula Rosa da Silva são referência nas pesquisas relacionadas à EBA.

Na segunda fase da pesquisa foi realizado um levantamento documental, que contou com a análise de ofícios, livros de atas, notícias de jornal, regimentos, entre outros. Assim como documentos fotográficos e obras de arte - esculturas, gravuras, pinturas - da Coleção Escola de Belas de responsabilidade do Museu De Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), assim, foi possível compreender parte da história da escola através de fontes primárias. O recorte aqui apresentado analisou, inicialmente, o quantitativo de alunos formados na escola, focando nas relações de gênero que estão atreladas à suas trajetórias e na construção da referida coleção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa bibliográfica sobre a EBA mostra que Pelotas, apesar da forte ligação com a arte, encontrou dificuldade na implantação de uma escola de Belas Artes de nível superior, que só foi ocorrer de fato em 1949 (MAGALHÃES, 2012). Assim, a inauguração da escola proporcionou para a cidade um espaço artístico formador, algo mencionado nos jornais da época como um grande anseio da população. Sua inauguração foi realizada, segundo consta na Ata n° 1 do Livro de ATAS, em 19 de março 1949 em uma cerimônia junto ao Salão Nobre da Biblioteca Pública Pelotense, com vários representantes da sociedade civil, e isso só aconteceu devido aos esforços de Marina de Moraes Pires.

Vale mencionar que, segundo Magalhães (2014) a escola recebeu primeiramente o nome de ‘Curso preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas’ por não possuir todos os requisitos para a fundação uma instituição de ensino superior, assim que solucionados os trâmites legais, passou a ser chamada de ‘Escola de Belas Artes de Pelotas’, em 1963 houve uma nova

mudança de nome, quando finalmente recebe o nome de ‘Escola de Belas Artes D. Carmen Trápaga Simões’¹.

A EBA, como um espaço de formação, acabou por ser um lugar importante para as mulheres de Pelotas, uma vez que a análise documental constatou que formou um total de 293 alunos, sendo 253 mulheres (mais de 86%) e 40 homens (mais de 13%), nos seus cursos de pintura e escultura, desde a primeira formatura em 1953 até 1972. Esse número de alunos formados é uma informação precisa, retirada do Registro de Diplomas que constam no acervo documental em poder do MALG. No entanto, várias pessoas passaram pela instituição sem acabar o curso e não há registro em que se possa verificar esses nomes, pois o acervo documental não dispõe do Livro de Matrícula.

Ambos os documentos mencionados acima fazem parte de uma série de registros oficiais dos quais a EBA mantinha a organização da instituição, tal informação é possível ser encontrada junto às diretrizes da escola. De todos os documentos oficiais mencionados na diretriz percebeu-se a falta junto ao acervo do MALG das Atas dos Exames Escritos, do Livro de Matrícula e Atas das Provas Parciais e Exames Finais. Esses documentos são importantes para descrever a trajetória de alunos da instituição e não se sabe se já estiveram ou não em posse do acervo. Magalhães já colocava em 2012 questões referentes à uma possível perda de itens do acervo quando diz que:

Este acervo é o resultado de seleções feitas pela própria Instituição, desde o seu início, pelo tempo e pelas perdas. Certamente muito material já se extraviou desde 1949 até hoje, por diversos motivos, como as várias mudanças de prédio, ações de insetos e inundações, e é muito importante que a instituição não perca mais tempo e dê o devido valor a este acervo, preservando-o (MAGALHÃES, 2012, p. 28).

Apesar dos 293 formados junto a escola e de sua relevância para a construção do ensino de artes na cidade, assim como a profissionalização de mulheres, o acervo composto por obras de ex-alunos contempla pouco mais de 100 obras de alunos formados, em que a grande maioria, cerca de 90% são de mulheres. Porém quando analisamos as autorias das obras dessa coleção, percebe-se nomes de artistas que não estão no Registro de Diplomas encontrado, como é o caso de Benedicta (Benette) Bianchi Casaretto (Benedicta Casaretto Motta depois de casada) que foi aluna da escola, mas não chegou a completar os estudos, e que ainda assim, seguiu uma carreira artística bastante produtiva na região sul do estado. Fica evidente o problema da falta de documentos para identificação do nome de todos os alunos que ingressaram na EBA.

4. CONCLUSÕES

Apesar da proporção de obras junto ao acervo contar com menos de 1/3 dos nomes de alunos, constatou-se que o gênero dos artistas presentes é relativamente proporcional ao encontrado na quantidade formandos, o que resulta em uma quantidade maior de obras de mulheres junto a esse acervo. No entanto, a pesquisa ainda direciona curiosidades sobre como esse acervo foi formado e como ele é usado pela instituição. Assunto para outro momento da pesquisa.

¹ A mudança do nome se deu devido a um pedido de Carmen Trápaga Simões, proprietária de um antigo palacete que foi doado à escola para ser usado como sede própria.

Apesar de um quantitativo favorável em relação ao número de obras de mulheres junto a esse acervo específico, ainda é perceptível que a pesquisa em torno de mulheres enquanto sujeitos traz algumas questões complexas que envolvem a dificuldade em encontrar informações mais específicas, devido a um apagamento que ocorre em determinados espaços culturais, realidade apresentada em diversas pesquisas voltadas a acervos e mulheres.

Uma das problemáticas encontradas diz respeito aos nomes e sobrenomes das formandas da EBA, uma vez que a troca, ou a anexação do sobrenome da família do marido, dificulta na hora da pesquisa, pois quando essas mulheres ingressaram e se formaram ainda eram solteiras. Em decorrência dessas mudanças de sobrenome foi importante o contato com familiares e amigos dessas egressas a fim de identificar tais mudanças a fim de confirmar suas trajetórias em exposições e eventos de arte. Houve a compreensão então de que a relação do sobrenome está subordinado a uma estrutura social que privilegia o masculino.

Por fim, é importante salientar que registrar os percursos dessas artistas, que fizeram parte da construção da cultura da cidade, traz suas obras a tona novamente, movimenta o cenário artístico, e torna visível a grandeza da arte no estado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGALHÃES, Clarice Rego. A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): trajetória institucional e papel na História da Arte. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

MAGALHÃES, Clarice Rego. A Escola de Belas Artes: a gênese, a luta pelo prédio próprio e seus personagens. in: A Escola de Belas Artes de Pelotas - Memoria e Historia - Pelotas: ed. UFPEL, 2014.

MICHELON, F. F.; SILVA, U. R. DA; DIAS, K. H. R. Arte e sociedade: o sistema de artes e a Escola de Belas Artes de Pelotas- RS- Brasil (1949-1973). Revista Cantareira, n. 16, 5 fev. 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. O sentido da memória e das relações de gênero na história de migração de mulheres camponesas brasiguaias. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. I.], v. 45, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15011>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SANTO, Anaizi Cruz Espírito; DINIZ, Carmem Regina Bauer; MAGALHÃES, Clarice Rego. A Escola de Belas Artes de Pelotas - Memoria e Historia - Pelotas: ed. UFPEL, 2014.

SENNA, NÁdia da Cruz; SILVA, Ursula Rosa da. **Ensino de arte em Pelotas: um legado feminino e feminista.** Mulheres e o ensino de arte no Brasil / Daniela Pinheiro Machado Kern, Rosane Vargas (Orgs.) ; p.45 - 56 – Porto Alegre : IA/UFRGS, 2023.